

Tomando posse da terra

De uma forma muito interessante, o fim do êxodo é o início da vida em Canaã, e a passagem pelo Mar Vermelho se completa com a travessia do Rio Jordão.

Se o povo ficasse na margem de Canaã, o milagre de Deus não estaria completo. A promessa não passaria de expectativa não-realizada. Para se tornar realidade, ela precisava ser tomada. É o que o leitor de Atitude estudará nos livros de Josué, Juízes e Rute.

A grande intenção destes livros era resgatar a auto-estima povo de Deus, afirmando para eles os grandes atos geradores da nação.

Esse conjunto literário, apesar de estar na forma narrativa, para os judeus era profecia tanto quanto a palavra proclamada pelos profetas. Neste caso, podemos chamar estes livros de história profética. É uma história narrada com fins proféticos. Uma narrativa que convoca ao arrependimento.

Que o estudo destes livros nos mostre mais uma vez o que Deus pode fazer com homens e mulheres que se entregam verdadeiramente em suas mãos.

Um bom estudo,

Valtair Miranda

Redator

Literatura Batista Ano CIX – Nº 436

Atitude Aluno é uma revista que destina-se aos jovens (18 a 35 anos), contendo lições para a Escola Bíblica Dominical, artigos gerais, passatempos bíblicos e outras matérias que promovem o aperfeiçoamento do jovem nas mais diferentes áreas

Copyright © Convicção Editora
Todos os direitos reservados

Proibida a reprodução deste texto total ou parcial por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, fotográficos, gravação, estocagem em banco de dados etc.), a não ser em breves citações, com explícita informação da fonte

Publicado com autorização
por Convicção Editora
CNPJ (MF): 08.714.454/0001-36

Endereços

Caixa Postal, 13333 – CEP: 20270-972
Rio de Janeiro, RJ
Telegráfico – BATISTAS
Eletrônico – literatura@batistas.com

Editor

Sócrates Oliveira de Souza

Coordenação Editorial

Solange Cardoso de Abreu d'Almeida
(RP/16897)

Redação

Valtair Afonso Miranda

Produção Editorial

Oliverartelucas

Produção e Distribuição

Convicção Editora
Tel.: (21) 2157-5567
Rua José Hígino, 416 – Prédio 16
Sala 2 – 1º Andar – Tijuca
Rio de Janeiro, RJ
CEP 20510-412
literatura@conviccaoeditora.com.br

Nota da Redação: Os artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores, não refletindo, necessariamente, as opiniões do corpo redatorial da revista.

Autor dos estudos da EBD

Os estudos deste trimestre foram escritos pelo Dr. Almir dos Santos Gonçalves Júnior, Membro da Igreja Batista de Itacuruçá, reside na cidade do Rio de Janeiro, RJ.

Imagens utilizadas nesta edição: www.sxc.hu

Sumário

EBD

| | |
|---|----|
| Lição 1 – O desafio à liderança | 9 |
| Lição 2 – As conquistas do povo de Deus | 13 |
| Lição 3 – Derrotados por causa do pecado..... | 17 |
| Lição 4 – A ocupação da terra | 21 |
| Lição 5 – Comprometidos com o passado..... | 25 |
| Lição 6 – A despedida do líder | 29 |
| Lição 7 – Após a conquista da terra..... | 33 |
| Lição 8 – Débora e Gideão – Juízes valorosos..... | 37 |
| Lição 9 – Jefté e Sansão – Fracassos e vitórias. | 41 |
| Lição 10 – A influência da liderança | 45 |
| Lição 11 – Quando falta o líder | 49 |
| Lição 12 – Altos e baixos de um povo..... | 53 |
| Lição 13 – Uma história para ser lembrada | 57 |

Semana 1

| | |
|---------|------------|
| Segunda | Js 1.1-9 |
| Terça | Js 1.10-15 |
| Quarta | Js 1.16-18 |
| Quinta | Js 2.1-7 |
| Sexta | Js 2.8-13 |
| Sábado | Js 2.14-21 |
| Domingo | Js 2.22-24 |

Semana 2

| | |
|---------|------------|
| Segunda | Js 3.1-17 |
| Terça | Js 4.1-24 |
| Quarta | Js 6.1-27 |
| Quinta | Js 8.1-35 |
| Sexta | Js 10.1-43 |
| Sábado | Js 11.1-23 |
| Domingo | Js 12.1-24 |

Semana 3

| | |
|---------|------------|
| Segunda | Js 7.1-9 |
| Terça | Js 7.10-15 |
| Quarta | Js 7.16-26 |
| Quinta | Js 9.1-7 |
| Sexta | Js 9.8-15 |
| Sábado | Js 9.16-21 |
| Domingo | Js 9.22-27 |

Semana 4

| | |
|---------|---------------|
| Segunda | Js 12.1-6 |
| Terça | Js 13.22-33 |
| Quarta | Js 14.1-15 |
| Quinta | Js 15.1-63 |
| Sexta | Js 16.1-17.18 |
| Sábado | Js 18.11-28 |
| Domingo | Js 19.1-51 |

Semana 5

| | |
|---------|-------------|
| Segunda | Js 5.1-15 |
| Terça | Js 18.1-10 |
| Quarta | Js 20.1-9 |
| Quinta | Js 21.1-22 |
| Sexta | Js 21.23-45 |
| Sábado | Js 22.1-9 |
| Domingo | Js 22.10-34 |

Semana 6

| | |
|---------|-------------|
| Segunda | Js 23.1-5 |
| Terça | Js 23.6-11 |
| Quarta | Js 23.12-16 |
| Quinta | Js 24.1-5 |
| Sexta | Js 24.6-13 |
| Sábado | Js 24.14-28 |
| Domingo | Js 24.29-33 |

Semana 7

| | |
|---------|------------|
| Segunda | Jz 1.1-8 |
| Terça | Jz 1.9-16 |
| Quarta | Jz 1.17-26 |
| Quinta | Jz 1.27-36 |
| Sexta | Jz 2.1-5 |
| Sábado | Jz 2.6-15 |
| Domingo | Jz 2.16-23 |

Semana 8

| | |
|---------|------------|
| Segunda | Jz 4.1-24 |
| Terça | Jz 5.1-32 |
| Quarta | Jz 6.1-10 |
| Quinta | Jz 6.11-24 |
| Sexta | Jz 6.25-40 |
| Sábado | Jz 7.1-25 |
| Domingo | Jz 8.1-35 |

Semana 9

| | |
|---------|-------------|
| Segunda | Jz 11.1-23 |
| Terça | Jz 11.24-40 |
| Quarta | Jz 12.1-07 |
| Quinta | Jz 13.1-25 |
| Sexta | Jz 14.1-20 |
| Sábado | Jz 15.1-20 |
| Domingo | Jz 16.1-31 |

Semana 10

| | |
|---------|------------|
| Segunda | Jz 3.1-6 |
| Terça | Jz 3.7-11 |
| Quarta | Jz 3.12-31 |
| Quinta | Jz 9.1-33 |
| Sexta | Jz 9.34-57 |
| Sábado | Jz 10.1-5 |
| Domingo | Jz 10.6-18 |

Semana 11

| | |
|---------|-------------|
| Segunda | Jz 12.8-15 |
| Terça | Jz 17.1-6 |
| Quarta | Jz 17.7-13 |
| Quinta | Jz 18.1-6 |
| Sexta | Jz 18.7-13 |
| Sábado | Jz 18.14-23 |
| Domingo | Jz 18.24-31 |

Semana 12

| | |
|---------|-------------|
| Segunda | Jz 19.1-14 |
| Terça | Jz 19.15-30 |
| Quarta | Jz 20.1-11 |
| Quinta | Jz 20.12-30 |
| Sexta | Jz 20.31-48 |
| Sábado | Jz 21.1-12 |
| Domingo | Jz 21.13-25 |

Semana 13

| | |
|---------|------------|
| Segunda | Rt 1.1-14 |
| Terça | Rt 1.15-22 |
| Quarta | Rt 2.1-7 |
| Quinta | Rt 2.8-23 |
| Sexta | Rt 3.1-7 |
| Sábado | Rt 3.8-18 |
| Domingo | Rt 4.1-22 |

Uma aproximação a Josué e Juízes

Pr. Antônio Renato Gusso

Curitiba, PR.

O livro de Josué

Semelhante a muitos outros livros do Antigo Testamento, também o de Josué é anônimo. Não dá para concluir quem é o seu autor, ainda que seja possível afirmar que partes dele foram escritas pelo próprio Josué (Js 24.26).

A passagem a respeito da morte de Josué descarta a possibilidade de ser ele o autor da obra como um todo (Js 24.29-30). Alguns têm defendido que o livro foi escrito na época dos reis de Israel aproveitando-se material muito mais antigo, o que está em relativa harmonia com o texto de Josué 24.31.

O personagem principal

Josué filho de Num era oriundo da tribo de Efraim. Nasceu no Egito e tem seu nome mencionado primeira vez na Bíblia em Êx 17. Em Êx 33.11 ele é encontrado atuando como servo de Moisés. Por ocasião da missão enviada por Moisés para fazer o reconhecimento de Ca-

naã, antes da invasão que acabou sendo adiada, logo após a saída do Egito, já está claro que ele era um dos principais líderes de Israel (Nm 13.1-15). Na ocasião, com Calebe, demonstrou grande fé, ao incentivar o povo a, mesmo contra as evidências desfavoráveis, partir para a conquista de Canaã, confiando no Senhor e não nas próprias forças (Nm 14.5-10).

Seu nome, Josué (*yehôshua*), foi dado por Moisés (Nm 13.16) e significa “Iavé é Salvação”. Antes de Moisés lhe chamar de Josué ele era chamado de Oséias (*hôshea*), que significa “Salvação”. Ao que parece, Moisés corrigiu um erro teológico expresso no nome do jovem. Para ele, a salvação vinha de Iavé e de mais ninguém. Também não deve ser desprezada a possibilidade de se estar demonstrando com esta mudança sua autoridade sobre Josué. Ter poder para trocar o nome de alguém é sinal de autoridade sobre este alguém.

Como ajudante de Moisés participou de acontecimentos importantes. Esteve com Moisés, desde o início (Êx 24.13...), e continuou ao seu lado até o fim, quando, como era de se esperar, mas indicado por Deus, assumiu o lugar de seu superior (Dt 31.14... ; 34.9 e Js 1.1-2).

Se for levado em conta que Josué ao iniciar sua carreira ao lado de Moisés era um jovem com uns vinte anos de idade, pois já era líder em sua tribo e apto para a guerra, então na ocasião em que assumiu o comando do povo, perto de quarenta anos mais tarde, já deveria estar com mais de sessenta anos. Com certeza, isto, somado ao convívio que teve com Moisés, fazia dele um líder muito experiente.

Abaixo serão dados alguns destaques importantes, seguindo a ordem das divisões principais propostas.

A Conquista de Canaã (Js 1-12)

1) Josué assume a posição de líder do povo (1.1-18)

- Todo lugar onde o povo pisasse lhes seria dado (1.3) – O povo tinha que avançar, depois receberia o prêmio.
- Neste primeiro capítulo a expressão “sê forte e corajoso” é utilizada quatro vezes para Josué (vs. 6, 7, 9 e 18), o que demonstra a dificuldade da tarefa.

2) Dois espíões são enviados a Canaã (Capítulo 2)

- Alguns têm dificuldade para interpretar o texto pois existem detalhes

difíceis para o cristão moderno. Por exemplo: a) Os espíões se hospedaram na casa de uma prostituta; b) A prostituta Raabe os escondeu; c) Raabe enganou os soldados que procuravam os espíões; d) Raabe traiu o seu povo. Contudo, podemos entender melhor quando levamos em conta também o seguinte: a) Eles se hospedaram em um dos poucos lugares acessíveis; b) Raabe reconheceu que o Deus de Israel era o verdadeiro; c) Todo o povo de Jericó sabia que Deus havia dado Canaã para Israel; d) Entre ser fiel a seu povo e a Deus, Raabe escolheu a Deus.

3) A passagem do Jordão (3-4)

- A passagem pelo rio Jordão é algo bastante semelhante à passagem do mar, e deveria ser lembrada pelo memorial composto pelas pedras que foram tiradas do leito do rio (Cap. 3 e 4). Isto serve de alerta: os grandes feitos de Deus devem ser lembrados, para edificação das gerações futuras.

4) A circuncisão e a Páscoa (5.1-12)

- Dois rituais importantes foram cumpridos antes de partirem para a conquista. Todos os homens foram circuncidados e foi celebrada a festa da Páscoa.

5) O encontro de Josué com Deus (5.13-15)

- Como preparativo final para a conquista de Jericó, Josué teve um encontro com Deus. Nele percebeu que o verdadeiro comandante de Is-



rael era Deus e não ele. Assim, colocou-se à disposição (5.13-15).

6) A conquista de Jericó (6)

- A conquista da cidade de Jericó pode ser descrita da seguinte forma:
 - a) Deus prometeu entregar Jericó 6.1-2
 - b) Deus apresenta o plano de conquista 6.3-5
 - c) Josué e o povo creram 6.6-19
 - d) Deus deu a vitória 6.20-21
 - e) A família de Raabe foi preservada 6.22-25
 - f) A cidade foi amaldiçoada 6.27

7) O problema da cidade de Ai (Capítulos 7 e 8)

Não é fácil de explicar a razão pela qual todo o Israel foi castigado pelo pecado de Acã, mas alguns pontos podem ajudar:

- a) As conseqüências do pecado vão além do pecador;
- b) O conceito de aliança deve ser levado em conta – Por meio da atitude de Acã foi quebrada a aliança que Deus havia feito com todo o povo;
- c) Efeito pedagógico – quando todos fazem parte um deve cuidar do outro.

Sanado o problema com Acã a cidade de Ai foi destruída e a aliança foi renovada (8).

8) A aliança com os gibeonitas 9.1-10.27

Quando os povos de Canaã ouviram falar das vitórias de Josué se uniram para enfrentá-lo (9.1-2). Os habitantes de Gibeom, ao contrário, preferiram fazer aliança com Israel e, para isto, enganaram Josué e os líderes (9.3-27).

Neste texto também aparece o relato dizendo que o sol e a lua pararam. O acontecimento foi descrito no linguajar, e dentro dos conhecimentos, da época. Seria inútil discutir que o sol já está parado e o que deve ter acontecido é que a terra parou. Ou que isto seria impossível pelas conseqüências que causaria. Deus pode fazer o que quiser com a natureza. Pode, inclusive, se pode todas as coisas como cremos, fazer com que o dia se alongue, sem mudar nada no curso normal da natureza (10.12-15).

Josué aproveitou a execução dos reis inimigos para apresentar uma profecia dramatizada. Veja como aconteceu em 10.24-27.

10) Diversas vitórias (10.28-12.24)

Como destaques a aparente conquista total de Canaã e o endurecimento dos corações dos inimigos de Israel. O endurecimento vinha do próprio Deus que já os havia condenado (11.20). Endurecidos, faziam frente a Israel, não entendendo que não havia como vencê-los, e eram derrotados.

A Divisão das Terras (Js 13-22)

1) A divisão

Nem todas as cidades foram conquistadas (13.1-13) e, ao que parece, depois de uma conquista conseguida por ataques em massa, com todo o Israel unido, Canaã foi dividida por meio de sorteio, e cada tribo teve que reconquistar ou, ao menos, tomar posse de suas partes (14.6-15 e 15.13-17).¹

2) As cidades de refúgio

A criação de cidades de refúgio aparece como instrumento de justiça. Deus já havia encarregado Moisés de separar cidades como estas para que o “vingador do sangue”² não executasse pessoas inocentes, ou culpadas, sem que tivessem antes um julgamento justo.

3) As cidades dos levitas

Os Levitas habitaram em cidades espalhadas por toda a região de Canaã (21), assim podiam ministrar ao povo.

4) O altar construído próximo ao rio Jordão

Logo depois do estabelecimento das tribos, estiveram muito perto de se enfrentar em guerra civil (22). Isto porque algumas construíram um altar. O efeito pedagógico do castigo por causa de Acã estava na lembrança deles (22.19-20). As demais tribos se

levantaram para impedir a idolatria, com medo de sofrer castigado pela transgressão cometida por esta parte de Israel. Como as explicações foram convincentes a paz foi mantida.

Exortações Finais de Josué a Israel (Js 23.1-24.28)

Três destaques devem ser feitos nesta divisão do livro:

a) Nem todos os povos haviam sido conquistados até aquela época. A conquista final dependeria da obediência total a Deus (23);

b) A história de Israel é relembrada em uma forma “kerigmática” (24.1-13), semelhante àquela que é apresentada em Dt 26.5-9, contendo os seguintes elementos: Arameu, Egito, Nação, Sofrimento, Servidão, Libertação, Conquista;

c) A aliança é renovada em um ritual que constou das seguintes partes:

- 1) Desafio a servirem a Deus (24.14-15);
- 2) Resposta do povo (24.16-18);
- 3) São apresentadas as conseqüências da possível quebra da aliança (24.19-20);
- 4) Resposta do povo (24.21);
- 5) Desafio à lealdade exclusiva (24.22-23);
- 6) Resposta do povo (Final do v.23 e v.24);
- 7) A conclusão da aliança (24.25);
- 8) A testemunha da aliança (24.26-28).

¹ Outras informações em: GUSSO, Antônio Renato. *Panorama histórico de Israel para estudantes da Bíblia*. 2.ed. Curitiba: A. D. Santos Editora, 2006, p.33-36.

² O parente mais próximo da vítima, o qual tinha a obrigação de vingar a morte de seu parente.

A Morte de Josué e Eleazar (Js 24.29-33)

A quarta divisão do livro é uma conclusão lógica para a obra. Nela está a informação a respeito do sepultamento dos ossos de José, em Canaã, e o relato das mortes de Josué e de Eleazar. Além de mostrar que o livro foi escrito muito tempo depois de Josué (24.31), marca, também, o fim de uma era.

O livro de Juízes

O nome do livro em português é oriundo do latim “*Liber Judicum*” que deve estar baseado na tradução do termo grego *kritai*, que possui o significado de juízes. No original hebraico o livro é chamado de *shôftim*. Este nome é tirado do próprio conteúdo do livro, onde vários de seus personagens são identificados por este termo.

O termo *shôftim* descreve pessoas que eram mais do que árbitros judiciais, como a tradução juízes pode indicar, ele aponta para pessoas que agiam, principalmente, como libertadores. Isto pode ser visto em 2.16 onde está escrito que “suscitou o Senhor juízes (*shôftim*), que os livraram...”. Sendo assim, baseado nos personagens principais que agiam mais como comandantes do que árbitros judiciais, pode-se dizer que o título “Libertadores” estaria mais adequado.

Época e autoria

A data provável do livro deve se encaixar na época do reinado de Saul. No livro aparece a expressão “naquele

tempo não havia rei em Israel” (17.6), o que indica que por ocasião da escrita já havia. Por outro lado, nota-se que Jerusalém ainda era habitada pelos Jebuseus (1.21), o que aponta para uma data antes do período áureo do rei Davi, que conquistou esta cidade.

A autoria é desconhecida. Ainda que a tradição judaica afirme que Samuel é o seu autor o conteúdo em si aponta para outro. Não dá para conciliar, por exemplo, a visão favorável do autor em relação à monarquia (Jz 17.6) com a reprovação de Samuel quanto a isto (1Sm 8.1-9).

Personagens principais e destaques

Seguindo a ordem do livro aqui serão apresentados alguns destaques.

A Conquista Incompleta (Prólogo explicativo) 1.1-3.6

- O texto todo mostra que os israelitas não conseguiram até aquele momento conquistar Canaã.
- Semelhante ao que havia acontecido com Raabe e sua família, também outra pessoa foi salva por colaborar com Israel (Jz 1.24-25).
- A morte de Josué é relatada em 2.6-9. Ela já havia sido relatada em Josué 24.29-31 e aqui é repetida.

A Atuação dos Libertadores (Parte principal) 3.7-16.31

Esta é a parte principal do livro. Ela é marcada por seis episódios (3.7-11; 3.12-30; 4.1-5:31; 6.1-8.35; 10.6-

12.7;13.1-16.31) que possuem a mesma ênfase: **pecado – sofrimento – súplica – livramento**. Neles aparecem atuando os personagens principais, chamados “Juízes”.

1) Otniel 3.7-11

- Ele livrou Israel da opressão causada pelo desconhecido Cusã-Risataim, rei da Mesopotâmia;
- Este juiz aparece pela primeira vez no Livro de Josué 15.13-19, em uma história que também é contada em Juízes 1.11-15.

2) Eúde 3.15-30

- Da tribo de Benjamim;
- Ele era canhoto, fato importante para a maneira como iria matar Eglon, o rei de Moabe;
- Era um homem de confiança (v.15), coragem (vs. 16-23) e fé (v.28).

3) Sangar 3.31

- Seu nome não era hebreu;
- Há um pequeno problema de ligação entre os textos de Juízes 3.31 e 4.1. Em 4.1 o texto volta a falar de Eúde e não de Sangar;
- Matou seiscentos filisteus.

4) Débora e Baraque 4.4-5.32

- Débora foi a única juíza em Israel e, de fato, julgava o povo (4.5);

- Baraque foi chamado por Débora para livrar Israel (4.6-8);
- Débora além de juíza e profetiza (4.4), também era poetisa (5.1-31).

5) Gideão 6-8

- Livrou Israel da opressão dos midianitas;
- Desafiou os deuses (6.25-32);
- Provou a Deus e foi provado por Ele (6.36-7.15);
- Após uma grande vitória recebeu o convite para ser rei (8.22-23), o que não aceitou;
- Acabou por levar Israel a praticar a idolatria, ao confeccionar um objeto chamado de “estola sacerdotal”.

6) Abimeleque 9.1-57

- Era filho de Gideão com uma de suas concubinas (9.18);
- Matou 70 (muitos) de seus irmãos (9.5) para assumir o poder;
- Foi proclamado rei (9.6) sobre uma pequena parte de Israel e governou durante três anos (9.26).
- Não foi libertador, mas sim opressor.
- Acabou morto em batalha quando recebeu uma pedrada na cabeça, desferida por uma mulher (9.50-57).

7) Tola 10.1-2

- Tudo o que se sabe deste juiz está nestes dois versículos.

8) Jair 10.3-5

- Um antepassado dele, de mesmo nome, capturou cidades em Basã (Nm 32.39-42 e Dt 3.14). Fora isto, o que se sabe dele está nestes versículos.

9) Jefé 11-12

- Filho de uma prostituta (11.1);
- Expulso de casa pelos irmãos (11.2);
- Fez um voto insensato;
- Se envolveu em guerra civil (12.1-7).

10) Ibzã (12.8-10)

- O que sabemos sobre ele está nestes versículos.

11) Elom (12.11-12)

- O que sabemos sobre ele está nestes versículos.

12) Abdom (12.13-15)

- O que sabemos sobre ele está nestes versículos.

13) Sansão (13-16)

- É o último juiz a aparecer no livro;
- Alguns não o consideram como juiz, pois não atuou como árbitro judicial e também não livrou Israel;

– Ele era Nazireu, consagrado desde o ventre de sua mãe até o dia de sua própria morte (13.5-7), fato que não levou muito a sério;

– Sua grande força era atribuída ao Espírito do Senhor (14.6), o qual se retirou dele quando foi quebrado o último resquício do seu voto de Nazireu (cabelo sem corte) – (16.20);

– Atuou em Israel durante 20 anos (15.20 e 16.31).

Anexos 17-21

Os dois anexos de Juízes, a migração da tribo de Dã e a guerra civil contra Benjamim, bem mostram o nível do pecado nacional naquela época.

a) A migração da tribo de Dã 17-18

O destaque principal desta parte é a idolatria praticada. Mica fabrica alguns ídolos; um levita aceita ser sacerdote do culto idólatra e, mais tarde, uma tribo toda, a de Dan, passa a adorar estes deuses.

b) A Guerra Civil Contra a Tribo de Benjamim 19-21

Uma grande injustiça foi cometida e os membros da tribo de Benjamim, de onde eram os infratores, preferiram fazer guerra contra as demais tribos a praticar a justiça castigando seus membros culpados. Tudo isto mostra o caos que imperava naquela época em que não havia rei em Israel.

O desafio da liderança

Texto bíblico - Josué 1 e 2 • **Texto áureo** - Josué 1.9

Foto: www.sxc.hu

Pra começar

O Senhor, durante 40 anos, vinha observando Josué, desde o seu início ainda jovem, até agora um experiente e maduro escudeiro, e o seleciona dentre os demais homens de Israel para vir a ser aquele que sucederia ao grande Moisés, dando início à saga dos grandes personagens de seu povo, em prol da continuidade e da preservação dos valores que ele queria ver inculcados em seus representantes para o mundo. É a história desse homem, no livro que toma o seu nome, que iremos estudar.

Comentando o texto bíblico

Quarenta anos sob a orientação e liderança de alguém é muito tempo. Biblicamente, este tempo é relativo a uma geração. O simbolismo disto está registrado na história que acabamos de estudar no êxodo do povo de Israel. Quando o Senhor desejou que uma nova geração entrasse na Terra Prometida ele vai fazer com que Moisés vagueie pelo deserto cerca de 40 anos, para que, só então, com uma nova geração formada, o povo entrasse em Canaã.

Moisés vai marcar de forma exuberante este povo. Com a sua condição de líder moral, social e espiritual, ele vai conduzir Israel sob o guarda-chuva de sua capacidade e dependência de Deus. Podemos imaginar o vácuo que se abriria no momento em que ele faltasse. Ele mesmo interpreta isto para o Senhor quando em Números 27.16,17, diante da revelação de que não entraria na terra, ora a Deus.

O Senhor, então, responde de pronto, ao grande líder: *“Toma a Josué, filho de Num, homem em quem há o Espírito, e impõe-lhe a mão”* (Nm 27.18).

O começo de uma nova etapa – Js 1.1-9 – Até ao final do Pentateuco, o êxodo do povo de Israel se dera, quando avultou por sua liderança e capaci-

dade o grande personagem Moisés que, escolhido por Deus, tirou o povo da escravidão do Egito. Passado esse tempo, Moisés morre e aquela multidão que perambulou pelo deserto chegou, enfim, às portas da herança que lhe fora prometida no passado. No entanto, os problemas são muitos, os desafios enormes, os receios tremendos, pois o desconhecimento do que lhes esperava além do Jordão por certo os atemorizava. Principalmente, certo pânico deveria cercar os seus corações: o vazio da liderança deixado com o passamento de Moisés.

É nesse momento que vem o Senhor Deus e traz a solução. Aquilo que ele já acertara com Moisés (Dt 31), pois este expressamente lhe pedira isto, se concretiza agora. O Senhor vem, e com as palavras especialmente do versículo 6, empossa o sucessor do grande líder. Este “tu farás” é a afirmação inamovível de Deus de que estaria por trás, encorajando, animando e fortalecendo a Josué. Na obra de Deus não há insubstituíveis. Quando ele retira alguém da luta é porque já tem outro alguém para o seu lugar. Com Moisés, foi assim. Em nossos trabalhos, na igreja de Cristo hoje, o Senhor também nos está chamando

para uma obra em que ele estará por perto, ajudando e dando forças.

Um pacto responsável – Js 1.10-18 –

O primeiro passo a ser dado pelo povo de Deus, agora com nova liderança, é de suma importância e significado. A travessia do Jordão representava muito para eles, pois seria o marco do término da jornada de 40 anos, e do início de uma nova e definitiva etapa: a ocupação da terra prometida.

Josué, como bom líder, chamou parte de seus seguidores, aqueles que ficariam aquém do Jordão, à ordem. Lembrou-lhes o compromisso assumido no passado, fez-lhes ver os desafios que teriam pela frente, a necessidade de que se unissem às demais tribos para que juntos conquistassem a terra. A resposta é dada em uníssono e em unanimidade: “Estaremos sempre com você”. O restante da história todos nós sabemos: de como os filhos de Ruben, Gade, e parte dos de Manassés, se empenham em conjunto com os seus irmãos atravessando o Jordão e conquistando a terra.

Esse foi um pacto responsável. Não houve desídia nem pouco caso. Embora eles já pudessem se dar por satisfeitos, pois a terra onde estavam já era a herança que esperavam, ainda assim se dispõem a ajudar os irmãos na conquista do espaço que esses desejavam para os seus filhos em herança. Na obra de Deus, hoje, muitas vezes, pactos são fei-

tos, acordos são assinados ou tratados, mas infelizmente, talvez, não com tanto espírito de responsabilidade como seria de se esperar. Às primeiras dificuldades, as pessoas se dispersam, os propósitos se esvaem, e a integração pretendida em prol de objetivos comuns se torna diluída e enfraquecida, comprometendo mesmo os resultados que poderiam ser alcançados. Tais como o povo de Deus nesse episódio, precisamos em nossas igrejas de pactos responsáveis que nos levem à vitória e à conquista.

Os cuidados da liderança – Js 2.1-7 –

A liderança bem exercida é aquela que se vale dos mais diversos recursos para o seu melhor resultado e desempenho. Criatividade, envolvimento, energia, planejamento, simpatia, capacidade, dosados sempre pela boa ética e moral, são ingredientes fundamentais para o melhor exercício dela. Josué, um dos maiores líderes da história bíblica, não podia falhar em nada disto, como não falhou, pois vemos esses itens presentes em toda a sua carreira.

Josué, entretanto, acrescentou algo mais a esse elenco de virtudes necessárias à boa liderança: seu espírito cauteloso e previdente. O bom líder é aquele que procura conhecer tudo que diz respeito ao desafio a vencer, antes de se lançar a ele. Josué tomou a providência de conhecer antes o inimigo que teria de derrotar. Envia os seus espias para que possam dar-lhe depois uma idéia

sobre o posicionamento deles, pontos fortes ou fracos em sua defesa, cuidados a tomar, estratégias a seguir. Tal procedimento, que pode ser visto por alguns como desnecessário ou contraindicado para quem tem a certeza de sua fortaleza, evidencia apenas bom senso e discernimento.

Um personagem marcante – Js 2.8-24

– A Palavra de Deus apresenta-nos a certos personagens que, por atitudes ou palavras, mínimas e rápidas, se tornaram marcantes em toda a Bíblia. Esta mulher é uma delas. Raabe por seu desprendimento e coragem, em um episódio apenas na história bíblica, se tornou digna da admiração e respeito de todo o povo de Deus para todo o sempre.

A viúva de Sarepta, a menina-serva de Naamã, o menino que doou pães e peixes para Jesus e seus discípulos, Simão, o cireneu que ajudou a conduzir a cruz, e muitos outros, são personagens que, citados isolada e fugazmente na Bíblia, iluminam com seus gestos quase anônimos e humildes as nossas vidas de leitores da Palavra de Deus mais de dois milênios decorridos desde suas épocas.

Raabe é, para nós, um dos melhores exemplos dessa elite de pessoas. Vivendo em Jericó, portanto afastada da linha histórica da revelação de Deus, pois só agora aquele povo ali chegava, ainda assim tem para com a situação que lhe surge, uma impressionante

atitude de antecipação, compreensão e desprendimento. Entende o que está por acontecer, crê na operação de um Deus forte e poderoso na vida daquele povo, e se coloca disponível para de alguma forma servi-lo também. O que Raabe não sabia é que aquele fio de escarlata colocado na janela de sua casa apontava para o Calvário. O que Raabe não sabia é que, por esse gesto desprendido e perigoso, ela estava se tornando participante da família de Deus. O que Raabe, uma simples dona de hospedaria em Jericó, não sabia, é que por essa atitude decisiva, seu nome se inseriria na história da vida do Salvador do mundo, Jesus Cristo. Você está se dispondo a servir a Deus nas menores e mínimas coisas que acontecem ao seu redor? Foi isto que Raabe fez.

O lugar de Josué na Bíblia

O livro de Josué não pode ser separado dos cinco primeiros livros da Bíblia. Alguns comentaristas chegam mesmo a mencionar que em registros históricos dos hebreus há menções ao “hexateuco” e não ao “pentateuco”, como o primeiro conjunto de livros da Bíblia, quando então o livro de Josué, comporia com os cinco de Moisés (Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio) uma parte inseparável.

O fator predominante que deve ser destacado do livro é, sem dúvida, o propósito do seu personagem principal em dar perfeita continuidade

e preservação àquilo que Moisés empreendera em sua liderança, sob o comando de Deus e sobre o povo de Deus. Em diversos momentos do

livro, vemos o registro de que aquilo que estava Josué fazendo era em observância ao que Moisés lhe havia transmitido anteriormente.



A lição em foco

Os primeiros capítulos de Josué talvez sejam os textos de maior contextualização com a presente vida na região do Médio Oriente de hoje. Estas regiões que Josué ocupa são aquelas que hoje servem de pano de fundo para as lutas e atentados em que vivem os povos do Médio Oriente, a chamada Palestina desde os tempos dos romanos. Os países que aí se formaram: Síria, Líbano, Israel, Jordânia e Egito, são o amálgama resultante daqueles povos cananeus e semitas que ali se enraizaram e se miscigenaram nos tempos de Josué e dos juízes, criando esta situação que todos os tratados de paz e de divisão de terras que a ONU já tentou para enfim colocar um ponto final nas situações belicosas e terroristas da região, nunca dêem certo.

Embora Israel, territorialmente, tenha ocupado a terra como um todo, a permissão em algumas regiões com a convivência estrangeira, abriu campo para a formação moral, cultural e espiritual distanciada do Senhor Deus, o que exatamente ele tinha recriminado desde o início, dando-nos assim, a consequência daquilo que hoje assistimos.



Pra terminar

Muitas vezes, em nossa vida escolar, profissional, eclesiástica e mesmo no lar, fracassamos, por não termos o cuidado de antes de nos lançarmos a qualquer empreitada, verificarmos todas as possibilidades envolvidas, os riscos, os fatores positivos ou negativos presentes. Como servos de Cristo, no mundo de hoje, devemos ser cautelosos e cuidadosos na obra do Senhor, e não nos lançarmos a ela sem um mínimo de estudo e preparo, a fim de que pela bênção dele mesmo tenhamos a garantia da vitória.

As conquistas do povo de Deus

Texto bíblico – Josué 3, 4, 5, 8, 10, 11, 12.7-24 • **Texto áureo** – Josué 3.5

Pra começar

Os nossos leitores irão notar uma singularidade nesses estudos. Em vez de lermos o texto corrido de cada livro, do primeiro ao último capítulo, nós o faremos de forma salteada, reunindo a cada estudo, os textos bíblicos que embasam a temática que estaremos abordando.

Assim, para trabalhar o tema das conquistas, nos debruçaremos nos capítulos acima mencionados, procurando retirar de cada um deles, alguns episódios marcantes na conquista da terra que o povo vai começar a empreender.

Os capítulos que porventura saltaremos estarão sendo objetos de leitura e comentários nos outros estudos, compondo os outros temas que iremos retirando do livro.

Comentando o texto bíblico

Todos os textos citados em nossa lição serão por nós aqui comentados. Como se tratam de muitos, vamos dividi-los nas três partes que compõem o nosso estudo semanal para retirar de cada um deles algum destaque:

A santificação necessária - Js 3 -

O tema principal deste capítulo está contido em nosso texto áureo. Quando o Senhor nos promete “maravilhas” para o nosso “amanhã”, é efetivamente muito expressivo. Foi isto que aconteceu ao povo de Deus no início da conquista, quando a travessia do Jordão parecia para eles algo impossível ou pelo menos difícil de realizar.

Isto nos sugere crescimento, vitórias, resultados positivos em nossos empreendimentos. Lembremo-nos, no entanto, que as “grandes maravilhas” da promessa de Deus, estão condicionadas a um mandamento inicial. A palavra é tão forte para o povo de Deus do passado bíblico, que vem expressa, inclusive, no imperativo: **“Santificai-vos”**. Isto é, para que as maravilhas ocorressem, haveria necessidade de uma preparação especial, de uma busca espiritual. Ou seja, somente através da vida pura e santa diante de Deus, as bênçãos viriam ao encontro daquele povo.

Estamos almejando bênçãos? Estamos desejando que o Senhor nos cumule de vitórias e realizações? Estamos pretendendo algo especial e marcante em nosso viver? Começemos então pelo caminho do Senhor a Josué: Santifiquemo-nos. Coloquemos a nossa vida no altar do Senhor, e com lutas e obstáculos, não importa, a vitória nos está garantida.

Monumentos que significam algo - Js 4

– Este capítulo nos conduz a um momento muito especial em todo esse acontecimento registrado em torno do Rio Jordão, nas proximidades de Jericó. A vida religiosa, que aquele povo começava a conhecer, precisava de certos símbolos e figuras que evocassem as realidades espirituais maiores que deveriam estar contidas dentro de cada uma das pessoas componentes daquele povo em especial que se formava.

Há todo um simbolismo no ato previsto pelo Senhor: doze homens, doze tribos, doze pedras do meio do Jordão, e a construção de uma coluna de pedras, uma espécie de monumento, que celebrasse a passagem maravilhosa do Jordão. Tudo isso para que, no futuro, quando por ali passassem os filhos dos filhos de Israel, eles pudessem se lembrar de que as águas do

rio se abriram e o povo de Deus, ainda que o rio transbordasse em todas as suas margens, atravessara a pé enxuto para a outra banda.

Diante de quadro tão significativo como este, fica-nos a pergunta: – **Que** memorial estamos constituindo para o nosso viver? **Quais** são as “colunas de pedra” que estamos levantando em nossa vida? Os retratos da família, um anel ou colar que os pais deixaram, uma carta de um ente querido com uma expressão maior de carinho e amor? Estas lembranças têm, sem dúvida, o seu valor afetivo e nos fazem evocar as bênçãos da vida no lar. Mas, espiritualmente, quais são as “pedras significativas” que marcam para nós alguma vitória especial alcançada? O dia da conversão ou do batismo, o dia da dedicação maior de nossa vida, são dias lembrados e guardados em memorial para o futuro? **Que** lembranças espirituais guardamos para o nosso amanhã?

O término de uma bênção – Js 5 – Em geral, somos levados a comemorar o início de uma bênção. Ou seja, damos graças a Deus e manifestamos nosso louvor a ele, na celebração de alguma vitória alcançada. Bênçãos encerradas não são motivos de regozijo, mas muitas vezes de lamentação, pois somos levados a reclamar do fato de não mais as estarmos desfrutando.

Com o povo de Deus não poderia deixar de ser diferente. Celebraram, por

certo com alegria, a páscoa, marcando assim o início de um novo tempo na terra em conquista. Naquele mesmo dia, a dádiva do maná, que durante 40 anos fora bênção diária, constante, ininterrupta, se encerra, e o povo, pelo menos em termos de registro bíblico, não é levado a manifestar uma mesma celebração por algo que lhes fora de inestimável valia durante todo aquele tempo.

A natureza humana é mesmo muito efêmera e passageira. Acostumamos-nos de tal forma às coisas boas que recebemos do Pai, que não celebramos tais bênçãos. O sol que nos aquece, o ar que respiramos, a água que nos dessesta, o céu estrelado que nos extasia, são bênçãos imensuráveis que não merecem da maioria de nós, uma palavra de agradecimento ou celebração. Simplesmente se incorporaram de tal forma ao nosso viver que são tidas quase como “obrigação” do Pai.

Vamos fazer um balanço de nossos dias, e orar hoje, não pelas bênçãos que estamos recebendo ou que esperamos receber, mas por aquelas que já se encerraram, e que talvez estejam caindo até em nosso esquecimento. Vale a pena manifestar ao nosso Deus a nossa alegria e felicidade por aquilo que, em tanto tempo, ele nos tem concedido, inúmeras vezes, ou mesmo uma vez que seja, mas que foram sempre prova de seu amor por nós. **Que** a bênção encerrada não seja motivo de lamentação em nossa vida, mas de alegria e gratidão.

Como entender a vontade de Deus?

(Js 11) – A vontade de Deus é, muitas vezes, difícil de ser compreendida em nosso entendimento ou coração. Principalmente quando se apresenta de forma negativa ao nosso pensar e ou querer, estamos sempre propensos a não aceitá-la ou, então, a indagar quase num desabafo: Por que, Senhor?

A descrição dessas diversas vitórias do povo de Deus sobre os seus inimigos nos apresenta, mais uma vez, a vontade de Deus difícil de ser compreendida. Como entender que vindo de Deus o propósito do “endurecimento daqueles corações”, poderiam eles escapar? Se Deus mesmo não lhes permitiu pensar de outra forma, como poderiam esses povos escapar da morte? Seria o Senhor então, o responsável maior por aquele genocídio? Temos que lembrarmos sempre que a vontade de Deus é a melhor para o homem. O apóstolo Pedro, no Novo Testamento, chega mesmo a afirmar que “ele não quer que nenhum se perca”, mas, sim, “que todos venham a arrepender-se”. Diante desta afirmação, como entender “que veio do Senhor este endurecimento” que vai causar a morte e destruição daqueles povos?

Simplesmente, porque a disposição deles em lutar contra Israel era consequência de seus erros e pecados. No versículo 4, lemos que foram eles “que saíram” para a luta. Ou seja, a presença do pecado e devassidão em que viviam

esses povos era por si só, a razão para que agissem contra Israel e com isso encontrassem a morte. A forma de dizer do escritor sacro foi de que “veio do Senhor o endurecimento”, mas na realidade é que sob o conhecimento de Deus, em sua onisciência e presciência, este endurecimento advinha do próprio afastamento em que viviam dos princípios divinos para a vida. Deus sabia disto, e por isso desde o início dissera a Moisés que eles precisavam ser expulsos da terra. Não que o Senhor desejasse o mal para eles, mas, sim, que o pecado deles isso exigia.

A conquista chega ao fim (Js 12.7-24)

– Uma etapa da ocupação da terra está para ser concluída. A citação que temos neste capítulo dos trinta e um reinos que foram vencidos por Josué e seu exército encerra o episódio da conquista da terra, para dar início à ocupação propriamente dita, com a divisão que será feita das terras pelas tribos de Israel.

Quando as tribos foram encaminhadas para seus termos, elas encontraram ainda alguns focos de resistência dos antigos moradores, mas a grande jornada da conquista de Canaã já havia sido vitoriosa. Agora, seria o ocupar da terra para não dar mais espaço naquela região prometida pelo Senhor ao seu povo, para aqueles inimigos que desconheciam o único Deus verdadeiro e, por isso mesmo, viviam em pecado e dissolução.

O fim da conquista não é, portanto, para o povo de Deus, um prenúncio de tranquilidade e paz. Não. A luta continuaria, só que agora, de forma diferente. Não mais o povo todo em combate para desalojar os inimi-

gos, mas, sim, tribo por tribo, para cada uma em sua região respectiva, ocupar a terra, construindo suas habitações, cidades, plantações, começando assim a vida em comunidade integrada.



Um grande líder do povo de Deus

Vamos deixar para esta conclusão o destaque de um fato especial na vida do grande personagem deste livro. Realmente é impressionante o comportamento deste homem chamado Josué. Juntamente com Daniel, dos grandes homens citados na Palavra de Deus e que se tornam instrumentos do Senhor para a sua revelação completa, são esses dois, dentre todos os demais dessa galeria de notáveis, que poderíamos chamar de inatacáveis. Não há a respeito deles, como existe a respeito de Moisés, Davi, Pedro e Paulo, citações negativas. Josué, em toda a sua vida, e ela é acompanhada por nós em torno de 60 a 80 anos de seu decorrer, é sempre visto como um exemplo de fidelidade, primeiro ao seu guia e mentor, Moisés, e depois, ao próprio Senhor Deus. Não há máculas, nem rasuras nas páginas que esta vida escreveu na Bíblia. Josué, um exemplo de fidelidade para nós.



Pra terminar

Em nossa vida social, profissional, e mesmo na igreja, às vezes, enfrentamos momentos singulares. Instantes em que depois de uma boa luta em que pelo esforço, dedicação e entrega ao Senhor, conseguimos a vitória, julgamos ter chegado ao instante do descanso. O Senhor, no entanto, tem para nós planos que desconhecemos. Planos que vão exigir continuidade e disposição para lutar. O Senhor Deus deseja ver-nos sempre prontos a crescer em nossa vida moral, social e espiritual. Para isto, ele nos quer sempre na arena, prontos para lutar e prosseguir.

Derrotados por causa do pecado

Texto bíblico – Josué 7 e 9 • **Texto áureo** – Josué 7.13

Pra começar

Josué era até agora um líder invencível. Todas as batalhas em que se envolvera para chefiar o povo de Deus terminaram com a vitória para Israel. Isto, porque sempre que o fizera, ele trabalhava com um povo que estava preparado para tal, isto é, estava fazendo a guerra em nome do seu Deus. Este é que ordenara e determinara a batalha, daí a invencibilidade do chefe guerreiro Josué.

Nos textos deste nosso estudo semanal, vamos ver os dois momentos em que isto não aconteceu. No primeiro entrevero com o povo de Aí, uma cidade próxima a Jericó, Israel vai sofrer uma estrondosa e vergonhosa derrota. O encontro com o povo de Gibeão, logo depois, vai trazer para Israel um novo momento de infelicidade, pois, por não consultar ao Senhor, o povo vai ser enganado pelos gibeonitas, permitindo a entrada no seio de Israel da presença do pecado e do mal representada por uma nação pagã como todas as demais de Canaã. Exatamente aquilo que o Senhor lhes tinha ordenado em contrário.

Foto: www.sxc.hu

Comentando o texto bíblico

O pecado de Acã – Js 7.1-15 – O acontecido com Acã vai se transformar em mais uma lição para o povo de Deus. É interessante como o Senhor usa um ato isolado e quase anônimo para fazer dele um ensino profundo para o seu povo: o pecado de um ser apenas pode trazer conseqüências trágicas para toda a comunidade. No cotidiano popular, cunhou-se a frase: “Uma maçã estragada contamina todas as demais”, pois é fato notório que se uma delas começar a deteriorar-se, num cesto onde outras estejam juntas, levará a sua podridão a todas as demais.

O pecado de Acã vai ensinar ao povo a necessidade de que todos, sem exceção, tenham sempre vidas puras diante de Deus, pois, pelo erro de uma pessoa apenas toda a nação vai sofrer um contundente revés. Além do vexame da fuga diante dos exércitos inimigos, a perda de 36 vidas em combate. Diante disto, passamos a entender o porquê do sentido da conclamação do Senhor nos versículos acima lidos, para que se descubra o “anátema”, lembremos que a palavra quer dizer “maldição, opróbrio, execração, vergonha”. Ou seja, “a loucura” cometida precisava ser extirpada de dentro o povo para que a recuperação se desse. Era necessário que a vergonha cometida fosse desfeita para que a renovação viesse.

Muitas vezes em nossa vida e em nossas igrejas, sentimos que as coisas não andam bem, que algumas atividades estão contrariando o que se poderia esperar, que as vitórias, enfim, não chegam, e esquecemo-nos de indagar-nos pessoal e intimamente: “Será que o “anátema”, a prejudicar o andamento melhor da vida em meu lar ou em minha igreja, não é o meu pecado, a minha falha, o meu fracasso espiritual?” Este é o perigo do pecado escondido e que julgamos sem maior importância. Embora na aparência não me afete diretamente, ele pode estar prejudicando a minha vida, o meu lar, a minha igreja.

A confissão do pecado – Js 7.16-26 – Uma das coisas mais difíceis para o homem é reconhecer o seu erro, a sua falha. Embora intimamente possa sentir que fracassou, seu orgulho pessoal não lhe permite dar uma palavra cabal sobre isso, preferindo ficar com subterfúgios a aceitar pura e simplesmente que caiu. A palavra de Acã, no versículo 20, nos dá um exemplo diferente disto. Diante da revelação clara e indubitável de seu pecado, não nega ou contra-argumenta, mas assume o seu erro, confessa o seu pecado. Desse episódio duas lições objetivas a retirar:

A primeira, é que Deus conhece o íntimo de cada um de nós. Seu poder onisciente o faz sabedor de tudo o que vai em nosso coração, seja bom ou ruim. Antes mesmo que manifestemos de forma visível ou audível o nosso desejo, ele já o detectou e perscrutou. Dentre os milhares de homens das doze tribos, o Senhor viu a tribo de Judá, a família dos zeraítas, a casa de Zabdi, e por dentre todos os seus homens, viu o filho de Carmi, Acã em seu pecado. Era como se fora “uma agulha no palheiro”, mas, para o Senhor, claro como o sol brilhando ao meio dia.

A segunda é o mérito da confissão de Acã. A disposição dele em confessar o seu erro nos ensina muito. Quanto tempo nós perdemos hoje em dia, quantas vicissitudes enfrentamos, quantas tristezas temos, unicamente porque pessoas que falharam não tomam logo a iniciativa de, sincera e positivamente, confessarem suas faltas, fazendo deste ato o reinício de uma nova relação. Ficam como que escondendo a coisa, e com isto, desconfiança, insegurança e temor se instalam, não permitindo um novo recomeço. Como crentes em Cristo, sejamos humildes em reconhecer as nossas falhas.

Não ouvindo ao Senhor – Js 9.1-15

– Não se pode deixar de reconhecer a astúcia e argúcia dos gibeonitas. Tomando conhecimento da força e do poderio de Israel, tendo sabido do que

eles estavam fazendo com os povos que habitavam na terra que vieram a ocupar, se vestiram de trapos, se calçaram de sandálias rotas, e até o pão que traziam e o vinho que portavam estavam, bolorento (o pão), e em odres velhos (o vinho). Para demonstrar mais ainda sua boa vontade, se dispuseram a ser considerados como servos do povo do Israel. Tudo isso para testemunhar que vinham de terra muito distante, que não faziam parte dos moradores de Canaã, que eles sabiam, Israel tinha recebido ordem do Senhor para expulsá-los.

A liderança de Israel aceitou as explicações, examinou as suas provisões, para verificar se suas informações procediam de que vinham de terras distantes, e, satisfeita com o exame feito, aquiesceu ao pedido dos homens de Gibeão. Assim, puderam enganar o povo de Deus que, pensando serem eles de terras fora da Canaã que lhes fora prometida, e que, por isso mesmo, teria que ter dela expulsos todos os moradores cananitas por ordem do Senhor, fizeram com eles um pacto, um juramento, pelo qual lhes poupariam as vidas. O que se deve ressaltar do texto que lemos é que a liderança de Israel não consultou a Deus sobre o problema. Tendo em vista as evidências claras e insofismáveis de que os representantes daquele povo procediam de terras distantes, acharam que não havia necessidade de pedir conselho ao Senhor sobre o assunto. Bastaram



a si mesmos, e, com isso, teriam que assumir consequências negativas em seu viver.

O ensino para nós é uma pergunta candente: Estamos ou não ouvindo o conselho do Senhor? Estamos ou não colocando diante dele nossos problemas e decisões? Somos autosuficientes, ou dependentes de Deus?

O ardil que deu certo – Js 9.16-27 –

A condescendência é sempre um perigo para a vida cristã. Quando começamos a concordar com certas coisas, a aceitar hábitos estranhos, a conciliar algumas situações, situações essas que contrariam a vontade do Pai, as consequências negativas por certo virão, mais cedo ou tarde.

A artimanha dos gibeonitas deu certo. Três dias depois, o povo de Israel tomou conhecimento que eles lhes mentiram. Não eram de terras mui distantes, mas estavam ali bem próximos, com suas quatro cidades. Diante do juramento feito, a liderança de Israel achou que não poderia matá-los ou expulsá-los, e encontrou uma solução que, inclusive, foi do agrado daqueles cananitas. A partir daquela data eles se tornariam ser-

vos do povo de Israel: carregadores de água e rachadores de lenha.

Aparentemente, tudo bem. Embora não os matando ou expulsando da região como fora determinado na ordem que Moisés lhes passara, estariam colocando aquele povo num lugar de servidão, de dependência de Israel. Os gibeonitas conseguiram o intento que pretendiam com o ardil estabelecido: não seriam mortos, nem expulsos, mas sobreviveriam ainda que numa condição de escravidão. Sobreviver era o que lhes importava. No entanto, a coisa não foi tão simples assim. O pior aconteceu. Aquilo que Deus desejava para seu povo: a total separação do pecado cometido pelos povos da região, não vai se dar. E assim, de maneira insidiosa e traiçoeira, aquele povo gibeonita, mesmo na condição de escravo, irá pouco a pouco influenciando com seus atos e atitudes o povo “separado”.

Isto, infelizmente, acontece conosco também, quando permitimos no lar e no trabalho que pequenos deslizes e acomodações sejam aceitos em nosso viver que devia ser santo e puro. Com isto, o “ardil” de Satanás estará dando certo em nossa vida, igualmente.



A lição em foco

O compromisso de Israel foi tão sério com Gibeão que, logo a seguir, no capítulo 10, temos a descrição de uma batalha em que Josué vai ter que exercer o poderio de seu exército em função do ataque sofrido pelos seus agora aliados, os gibeonitas. Já comentamos esta vitória obtida por Josué na lição 2, quando estudamos sobre as conquistas e vitórias do povo de Deus. Aqui só gostaríamos de destacar dois fatos inseridos nesta história:

Primeiro, que podemos criticar o povo de Israel por ter aceitado o ardid dos gibeonitas. Foram ingênuos e comodistas, não consultando o Senhor como deveriam ter feito.

Segundo, que não podemos criticá-lo pelo fato de ter honrado o compromisso assumido. Embora tendo sido enganado, o povo de Israel ao saber que seus aliados tinham sido atacados, vai se colocar em pé de guerra e apoiá-los em sua libertação.

Isto nos ensina que mesmo quando falhamos, Deus espera de nós responsabilidade sobre os nossos atos.



Pra terminar

Quando o povo é desobediente

Um destaque negativo do livro, e dos capítulos hoje estudados, é sem dúvida, o não cumprimento do povo de Israel, “a tudo aquilo que o Senhor ordenara”. Uma das palavras mais determinantes do Senhor Deus fora exatamente no sentido de que “expulsassem” da terra aquelas tribos e pequenas povoações que durante os 470 anos de ausência do povo de Israel dela se apossaram. Aquela terra era herança de Israel. O Senhor Iha destinara, quando ainda o seu povo se reduzia a Abraão e Sara. Eles não tinham como ocupá-la, pois nem sequer tinham população para tal. Quando Jacó dela saiu para “hibernar” no Egito, eram apenas 70. Mas agora, eram cerca de 2 milhões de pessoas, com pelo menos 601.730 homens (Nm 26.51), portanto, em condições de lutar pela ocupação total e absoluta da terra que era deles.